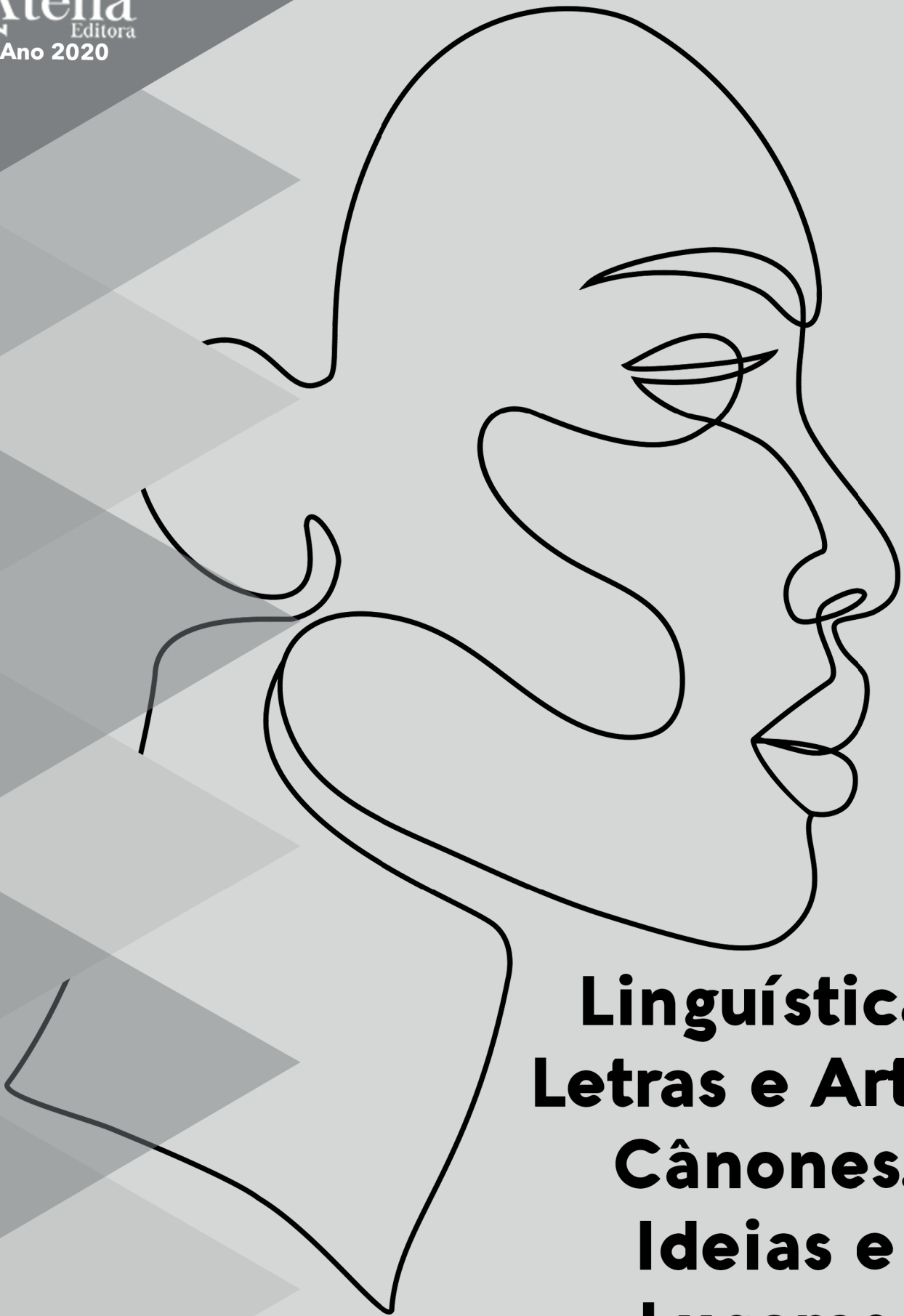


Atena
Editora
Ano 2020



**Linguística,
Letras e Artes:
Cânones,
Ideias e
Lugares**

Ivan Vale de Sousa
(Organizador)



**Linguística,
Letras e Artes:
Cânones,
Ideias e
Lugares**

Ivan Vale de Sousa
(Organizador)

2020 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2020 Os autores

Copyright da Edição © 2020 Atena Editora

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Diagramação: Natália Sandrini de Azevedo

Edição de Arte: Luiza Batista

Revisão: Os Autores



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso

Profª Drª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília

Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense

Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa

Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará

Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia

Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá

Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima

Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões

Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná

Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros

Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice

Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense

Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso

Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins

Prof. Dr. Luis Ricardo Fernando da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros

Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte

Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Universidade Federal do Maranhão

Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará

Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa

Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa

Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste

Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador

Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará

Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos – Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília
Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Profª Drª Eysler Gonçalves Maia Brasil – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira
Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Fernando José Guedes da Silva Júnior – Universidade Federal do Piauí
Profª Drª Gabriela Vieira do Amaral – Universidade de Vassouras
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Profª Drª Iara Lúcia Tescarollo – Universidade São Francisco
Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Luís Paulo Souza e Souza – Universidade Federal do Amazonas
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Marcus Fernando da Silva Praxedes – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federaci do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá
Profª Drª Renata Mendes de Freitas – Universidade Federal de Juiz de Fora
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto

Prof. Dr. Alexandre Leite dos Santos Silva – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás
Prof^a Dr^a Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande
Prof^a Dr^a Luciana do Nascimento Mendes – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá
Prof^a Dr^a Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Prof^a Dr^a Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Conselho Técnico Científico

Prof. Me. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Me. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza
Prof. Me. Adalto Moreira Braz – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Me. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Prof^a Dr^a Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Prof^a Dr^a Andrezza Miguel da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
Prof. Dr. Antonio Hot Pereira de Faria – Polícia Militar de Minas Gerais
Prof^a Ma. Bianca Camargo Martins – UniCesumar
Prof^a Ma. Carolina Shimomura Nanya – Universidade Federal de São Carlos
Prof. Me. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Ma. Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo
Prof^a Dr^a Cláudia Taís Siqueira Cagliari – Centro Universitário Dinâmica das Cataratas
Prof. Me. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Prof^a Ma. Daniela da Silva Rodrigues – Universidade de Brasília
Prof^a Ma. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Me. Douglas Santos Mezacas – Universidade Estadual de Goiás
Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil
Prof. Me. Eduardo Gomes de Oliveira – Faculdades Unificadas Doctum de Cataguases
Prof. Me. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita
Prof. Me. Euvaldo de Sousa Costa Junior – Prefeitura Municipal de São João do Piauí
Prof^a Ma. Fabiana Coelho Couto Rocha Corrêa – Centro Universitário Estácio Juiz de Fora
Prof. Dr. Fabiano Lemos Pereira – Prefeitura Municipal de Macaé
Prof. Me. Felipe da Costa Negrão – Universidade Federal do Amazonas
Prof^a Dr^a Germana Ponce de Leon Ramírez – Centro Universitário Adventista de São Paulo
Prof. Me. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária
Prof. Dr. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná
Prof. Me. Gustavo Krahl – Universidade do Oeste de Santa Catarina
Prof. Me. Helton Rangel Coutinho Junior – Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro
Prof^a Ma. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Me. Javier Antonio Albornoz – University of Miami and Miami Dade College
Prof^a Ma. Jéssica Verger Nardeli – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho
Prof. Me. Jhonatan da Silva Lima – Universidade Federal do Pará
Prof. Me. José Luiz Leonardo de Araujo Pimenta – Instituto Nacional de Investigación Agropecuaria Uruguay
Prof. Me. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco

Profª Ma. Juliana Thaisa Rodrigues Pacheco – Universidade Estadual de Ponta Grossa
 Profª Drª Kamilly Souza do Vale – Núcleo de Pesquisas Fenomenológicas/UFPA
 Profª Drª Karina de Araújo Dias – Prefeitura Municipal de Florianópolis
 Prof. Dr. Lázaro Castro Silva Nascimento – Laboratório de Fenomenologia & Subjetividade/UFPR
 Prof. Me. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
 Profª Ma. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará
 Profª Ma. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ
 Profª Drª Lívia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás
 Prof. Me. Lucio Marques Vieira Souza – Secretaria de Estado da Educação, do Esporte e da Cultura de Sergipe
 Prof. Me. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados
 Prof. Dr. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual do Paraná
 Prof. Dr. Michel da Costa – Universidade Metropolitana de Santos
 Prof. Dr. Marcelo Máximo Purificação – Fundação Integrada Municipal de Ensino Superior
 Prof. Me. Marcos Aurelio Alves e Silva – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo
 Profª Ma. Marileila Marques Toledo – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
 Prof. Me. Ricardo Sérgio da Silva – Universidade Federal de Pernambuco
 Prof. Me. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados
 Profª Ma. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal
 Profª Ma. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo
 Prof. Me. Tallys Newton Fernandes de Matos – Faculdade Regional Jaguaribana
 Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

| Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG) | |
|---|--|
| L755 | <p>Linguística, letras e artes [recurso eletrônico] : cânones, ideias e lugares 1 / Organizador Ivan Vale de Sousa. – Ponta Grossa, PR: Atena, 2020.</p> <p>Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader. Modo de acesso: World Wide Web. Inclui bibliografia ISBN 978-65-5706-116-9 DOI 10.22533/at.ed.169201906</p> <p>1. Abordagem interdisciplinar do conhecimento. 2. Artes. 3. Letras. 4. Linguística. I. Sousa, Ivan Vale de.</p> <p style="text-align: right;">CDD 407</p> |
| Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422 | |

Atena Editora
 Ponta Grossa – Paraná - Brasil
www.atenaeditora.com.br
 contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

Ao escrever esta apresentação não tem como não pensar na situação que o país se encontra imerso. Muitas cidades em isolamento social, outras relaxando as medidas de prevenção e de combate à pandemia do novo coronavírus (Sars-CoV-2) da Covid-19, que tem ceifado milhares de vida. Seria injustiça da minha parte se no início desta exposição não externasse os meus sinceros sentimentos às pessoas que perderam seus entes queridos. Acredito que este é também o papel das ciências da linguagem, enxergar o ser humano nas suas diversas facetas e a que estamos passando não é uma das melhores, apesar de tudo, há esperanças de que tudo isso passará e, certamente, seremos pessoas melhores.

Falar de linguagem, linguística e arte é falar da comunicação estabelecida no fazer do sujeito. A iniciativa de comunicar ao outro o que está sendo produzido nas diversas regiões do país é uma ação necessária, sobretudo, dos estudos que estão sendo realizados com transparência e monitoração das propostas de investigação científica, já que produzir ciência no Brasil é um contínuo e pleno exercício de resistência no combate às fake News.

Todos os autores que se propuseram na caracterização deste e-book, mostram-se como sujeitos resistentes mediante as ineficiências de incentivos que nos últimos anos têm sido direcionadas à produção de ciência, sobretudo, a ciência linguística, da linguagem e artística no país que ainda não se convenceu de que é somente por meio da educação que escreveremos novas e coloridas páginas de oportunidades na existência desta e das gerações futuras.

Assim, as páginas que contemplam esta obra não são desbotadas pela carência de informações pertinentes que perpassam pelas áreas da linguística, da literatura e das artes. Estas páginas são coloridas com diferentes conhecimentos das áreas diferentes do saber em que todos os seus propósitos, finalidades e evidências de que o conhecimento constrói a diversidade e conscientiza-se na relevância do pensamento científico e da reflexão fortificada em cada discussão.

Neste e-book, estão organizados dezenove capítulos que repercutem a relevância da coletânea pela diversidade das reflexões propostas. Ao detalhar em cada capítulo como a linguagem dialoga com a linguística, com a literatura e com as artes, elaboramos uma cadeia de saberes multifacetados. Sendo assim, nestes dezenove textos temos a certeza de que a ciência se faz na diversidade e no respeito à pesquisa do outro, da sua função de cientista da linguagem marcada com ideias, ideais, contextos e estilos de escrita.

Esperamos que estas reflexões respinguem cores, cheiros e sabores ao contexto social e linguístico que o Brasil e o planeta estão passando. Em linhas gerais, autorizadas são todas as discussões diversas que enxergam nesta coletânea a certeza de que a produção e divulgação de conhecimentos instalem cenários transparentes e necessários da educação na formação dos sujeitos, portanto, resta-nos desejar: boa leitura!

SUMÁRIO

| | |
|--|-----------|
| CAPÍTULO 1 | 1 |
| ENSINO DE LÍNGUA INGLESA E O AUTISMO: DESAFIOS E POSSIBILIDADES | |
| Edijane Maíla Martins da Silva | |
| DOI 10.22533/at.ed.1692019061 | |
| CAPÍTULO 2 | 12 |
| ESTUDO DOS DISCURSOS NO INSTAGRAM DE INFLUENCIADORAS DIGITAIS DO MERCADO DE MAQUIAGEM: HUDA KATTAN E NIINA SECRETS | |
| Beatriz Costa Fernandes Pereira | |
| Fred Izumi Utsunomiya | |
| DOI 10.22533/at.ed.1692019062 | |
| CAPÍTULO 3 | 29 |
| A INSTAURAÇÃO DA ARGUMENTATIVIDADE NO DISCURSO DE MUDIATIZAÇÃO DA CIÊNCIA | |
| Jairo Venício Carvalhais de Oliveira | |
| DOI 10.22533/at.ed.1692019063 | |
| CAPÍTULO 4 | 41 |
| AS TRAMAS DA ENUNCIACÃO | |
| Ivan Vale de Sousa | |
| DOI 10.22533/at.ed.1692019064 | |
| CAPÍTULO 5 | 51 |
| DA FEITURA DO DASEIN NEOLIBERAL: ANÁLISE SEMIÓTICA DO DISCURSO DO HERÓI DE INFINITE JEST, DE DAVID FOSTER WALLACE | |
| Henrique Reis Fatel | |
| DOI 10.22533/at.ed.1692019065 | |
| CAPÍTULO 6 | 69 |
| A LITERATURA COMO POSSIBILIDADE DE EMPODERAMENTO DO SUJEITO NEGRO | |
| Letícia Queiroz | |
| Epaminondas de Matos Magalhães | |
| DOI 10.22533/at.ed.1692019066 | |
| CAPÍTULO 7 | 81 |
| A CONSTRUÇÃO DAS PERSONAGENS FEMININAS SHAKESPEARIANAS ENQUANTO REPRESENTAÇÕES ESTÉTICAS DA SOCIEDADE ELISABETANA | |
| Fernanda Rafael da Paz | |
| Neide Aparecida da Silva | |
| DOI 10.22533/at.ed.1692019067 | |
| CAPÍTULO 8 | 89 |
| A PAIXÃO SEGUNDO G.H COMO FERRAMENTA PARA A FORMAÇÃO DO SUJEITO NA EDUCAÇÃO BÁSICA | |
| Alice Duarte de Assis | |
| DOI 10.22533/at.ed.1692019068 | |

| | |
|--|------------|
| CAPÍTULO 9 | 105 |
| CONTOS DE FADAS, FANTASIA E PROTAGONISMO FEMININO: UMA LEITURA DE <i>TRONO DE VIDRO</i> , DE SARAH J. MAAS | |
| Izabela Fernandes Simão | |
| DOI 10.22533/at.ed.1692019069 | |
| CAPÍTULO 10 | 118 |
| A CRIAÇÃO IDEOLÓGICA E O TRAUMA SOBRE <i>O CASAMENTO EM A PORTA E O VENTO</i> , DE JOSÉ BEZERRA GOMES | |
| Eldio Pinto da Silva | |
| DOI 10.22533/at.ed.16920190610 | |
| CAPÍTULO 11 | 132 |
| A MANIFESTAÇÃO DO DIALETO <i>PAJUBÁ</i> NA MÚSICA <i>QUEER</i> BRASILEIRA | |
| Martiniano Marcelino de Macedo Torres | |
| DOI 10.22533/at.ed.16920190611 | |
| CAPÍTULO 12 | 154 |
| A POTÊNCIA DA NARRATIVA E A COMUNIDADE DOS CELIBATÁRIOS EM <i>AS CANÇÕES</i> , DE EDUARDO COUTINHO | |
| Mírian Sousa Alves | |
| Renata de Oliveira Ramos | |
| DOI 10.22533/at.ed.16920190612 | |
| CAPÍTULO 13 | 165 |
| A REFRAÇÃO HOMOFÓBICA NO JORNALISMO: ESTUDO DE CASO SOBRE O ASSASSINATO DE BRUNA | |
| Piero Dutra Vicenzi | |
| DOI 10.22533/at.ed.16920190613 | |
| CAPÍTULO 14 | 173 |
| ARQUITETURA WAURÁ - DESCRIÇÃO DO PROCESSO CONSTRUTIVO DA CASA TRADICIONAL DO POVO WAURÁ | |
| João Mário de Arruda Adrião | |
| Tirawá Waurá | |
| Thalysson Paulo Alves Pacheco | |
| DOI 10.22533/at.ed.16920190614 | |
| CAPÍTULO 15 | 179 |
| CULTURA E REGILIGIOSIDADE POPULAR, CONGADA EM ANGICAL: BREVE DISCUSSÃO | |
| Vera Regiane Brescovici Nunes | |
| Pedro Fernando Sahium | |
| Washington Maciel da Silva | |
| DOI 10.22533/at.ed.16920190615 | |
| CAPÍTULO 16 | 191 |
| ENTRE ILHAS: ORIGENS, DESVIOS E NARRATIVAS NA MEDIAÇÃO CULTURAL | |
| Andressa Argenta | |
| Carolina Ramos Nunes | |
| DOI 10.22533/at.ed.16920190616 | |

| | |
|--|------------|
| CAPÍTULO 17 | 202 |
| ENTRE O CAOS E A ORDEM: RELAÇÕES SOCIAIS E PERCEPÇÕES SOBRE O TERMINAL URBANO FRANCISCO ALVES RIBEIRO EM RIO BRANCO–ACRE | |
| Beatriz Tayná Souza Brito | |
| Marcia Meireles de Assis | |
| DOI 10.22533/at.ed.16920190617 | |
| CAPÍTULO 18 | 213 |
| BRASIL E PORTUGAL NA ENCRUZILHADA: A NEGAÇÃO DO FADO E A AFIRMAÇÃO DO SAMBA (1930-1939) | |
| Adalberto Paranhos | |
| DOI 10.22533/at.ed.16920190618 | |
| CAPÍTULO 19 | 232 |
| A DANÇA EM SEUS DIFERENTES RITMOS | |
| Karolaine Ramada Neves | |
| Aline Ditomaso | |
| DOI 10.22533/at.ed.16920190619 | |
| SOBRE O ORGANIZADOR | 237 |
| ÍNDICE REMISSIVO | 238 |

CULTURA E RELIGIOSIDADE POPULAR, CONGADA EM ANGICAL: BREVE DISCUSSÃO

Data de aceite: 01/06/2020

Data da submissão: 05/04/2020

Vera Regiane Brescovici Nunes

Universidade Federal do Oeste da Bahia –
UFOB – Campus de Santa Maria da Vitória –
Santa Maria da Vitória Bahia. <http://lattes.cnpq.br/8121560686126084>.

Pedro Fernando Sahium

Universidade Estadual de Goiás – UEG-
Anápolis – Goiás CV: <http://lattes.cnpq.br/3455052974561633>

Washington Maciel da Silva

Pós-doutorando em História pela Universidade Estadual Paulista. Doutor em Ciências da Religião e Mestre em História Cultural pela Pontifícia Universidade Católica de Goiás–Estágio Doutoral em História com a *Universidad Iberoamericana de la Ciudad de México*. Licenciado em História – Universidade Estadual de Goiás e Licenciado em Ciências Sociais – Universidade Luterana do Brasil. E-mail: washingtonmacieldasilva@gmail.com

RESUMO: O objetivo do presente texto foi discutir conceitos de cultura e religiosidade popular para apresentar a Congada como manifestação cultural que se mantém viva na cidade de Angical localizada na Região Oeste da Bahia. A discussão sobre a religiosidade

popular é trabalhada pelo viés do sincretismo e das práticas religiosas. Fundamenta-se a pesquisa pelas Ciências da Religião, Sociais, Artes e História. Na condução da pesquisa, a religião popular possui função social. Os resultados obtidos sobre a Congada na localidade, contou com a contribuição oral das famílias que participam dos festejos e de uma professora de Artes Visuais. A partir dos relatos se observou a permanência do rito como fenômeno religioso, ele assegura a memória da escravidão e os anseios de liberdade e defesa da cultura africana. Destaca-se que é apenas uma breve abordagem, uma pesquisa em construção.

PALAVRAS – CHAVE: Cultura. Religiosidade. Manifestação Popular. Congada.

ABSTRACT: The aim of this text was to discuss concepts of popular culture and religiosity to present Congada as a cultural manifestation that remains alive in the city of Angical located in the West Region of Bahia. The discussion about popular religiosity is worked through the bias of syncretism and religious practices. Research on Religion, Social Sciences, Arts and History is based. In conducting the research, popular religion has a social function. The results obtained about Congada in the locality, counted

on the oral contribution of the families that participate in the festivities and of a teacher of Visual Arts. From the reports it was observed that the rite remains as a religious phenomenon, it ensures the memory of slavery and the yearnings for freedom and defense of African culture. It is noteworthy that it is only a brief approach, a research under construction.

KEYWORDS: Culture. Religiosity. Popular Manifestation. Congada.

1 | INTRODUÇÃO

O conceito de cultura segundo Wagner (2012), é especialmente grandioso e de alcance além do geográfico, que para entendê-lo muitas vezes parte-se da análise comparativa ao abordar os fenômenos sociais, culturais e religiosos ou até do universo que os envolve. Porém, durante a realização de um estudo é necessário não esquecer-se das particularidades de cada prática, saber, crença e religiosidade amplamente comentados na vasta literatura das Ciências Humanas e Sociais.

Para que houvesse uma maior compreensão sobre a Congada, se fez necessário iniciar esta discussão a partir dos conceitos culturais populares. Para compreendê-los buscaram-se aportes teóricos relevantes, que enfatizassem as formas culturais no desenvolvimento da religiosidade brasileira. Nesse sentido, o Brasil foi palco de um processo de colonização desigual e fragmentado, que permitiu o aparecimento de inúmeras manifestações culturais, muitas dessas como formas de crítica às realidades sociais, com profunda ligação às crenças cristãs, levando em consideração o sincretismo cultural desenvolvido nessas regionalidades.

A religião aqui apresentada mostra uma funcionalidade social, um sistema simbólico, estruturado e estruturante destacado em Bourdieu (1974), que possibilita criticar a realidade social, quer seja por motivações políticas, culturais ou econômicas. As hibridizações étnicas no Brasil fornecem conteúdos simbólicos suficientes para interpretações variadas, e com significâncias diversificadas.

O estudo da congada estabelecida na Bahia permitiu perceber as categorias teóricas citadas nesta pesquisa. Como também, que as formas culturais de interpretação e ressignificação estão imbrincadas com as características religiosas populares. A tradição familiar em realizar esse rito popular se revela como fundamental para a manutenção da fé e suas aspirações sociais.

Antigas regiões marcadas pelo sistema escravista mostram uma constância desse festejo popular, que se torna parte da cultural local, com representações da população regional. Assim, a cultura possibilita que futuras gerações conheçam legados anteriores.

Para compreender a Congada, em Angical, foi necessário abordá-la pela ótica da cultura popular e enfatizá-la como uma prática que contém os saberes e uma crença híbrida; pois essa dinâmica do acervo cultural moldou a religiosidade popular no Brasil.

Nesse sentido, relembra-se da colonização como um processo desigual e fragmentado tanto na abrangência quanto na tipologia aplicada às regiões do país, por isso, tal enredo permitiu o aparecimento das várias manifestações culturais e religiosas como críticas às realidades sociais, pois se desenvolveram sincreticamente mediante as vivências locais e “cristianizadas pela coerção”.

Desta forma, o estudo da congada em Angical, objetivou conhecer e divulgar mesmo que sucintamente uma tradição que se repete anualmente, independente das transformações tecnológicas do momento, a tradição é mantida pela herança cultural familiar, revelando-se fundamentalmente conectada à continuidade do rito e a manutenção da fé, porque se inserem aspirações antigas e atuais sociais como uma “prática crítica” — isso é uma religiosidade sincrética. Ainda, é conveniente comentar que as regiões em que o sistema escravista foi mais intenso, a prática possui constância por ter se tornado parte do acervo cultural local.

2 | MATERIAIS E MÉTODOS

A pesquisa está subsidiada pela fonte bibliográfica de cunho fenomenológico, ação essa primordial para o estudo, pesquisa, classificação e organização e análise do fenômeno religioso. Todo o material analisado pertence aos estudos das Ciências Humanas, Sociais e da Religião. Os autores que fornecem os nortes conceituais são: Geertz (1989), Boas (2004), Laraia (2009) e Bourdieu (1974). No suporte Histórico-cultural ampara-se em Azzi (1978), Abdala (2002), Burke (2003), Canclini (1997), Hall (2003) e Wagner (2012).

O material utilizado na pesquisa se baseou em relatos orais e alguns relatos escritos disponibilizados por membros da família Almeida e uma professora de Artes do município. Estas possibilitaram uma abordagem para discussão do contexto histórico das religiosidades populares no Brasil, especialmente a congada e sua relação como pertencente à cultura popular brasileira. O rito rememorado é um processo identitário, ressignificado pela representação e identidade, presentes nas tradições da população regional da Bahia.

3 | NOÇÕES DE CULTURA

A cultura é discutida pela antropologia e segundo Levi-Strauss ocorre a partir da primeira regra ou norma, como uma proibição, por exemplo: o incesto. Pois “[...] os símbolos devem ter uma forma física, pois do contrário não podem penetrar em nossa experiência, mas o seu significado não pode ser percebido pelos sentidos” (LARAIA, 2009 p.56).

A pretensão por um conceito que contemplasse toda espécie humana levou Boas

(2010) a inteirar-se do cotidiano das sociedades consideradas primitivas com o objetivo de elaborá-lo. Assim, percebeu que todos os grupos humanos, não outras formas de vida, manifestam esta propriedade ou capacidade de fazer e receber cultura, com destaque para as produções realizadas ao longo do tempo, como exemplo, todas as manifestações.

Nessas sociedades, Boas (2010) analisou alguns condicionantes grupais como o tamanho reduzido, o desconhecimento da escrita, tecnologia sem máquinas, e a constituição social constituída a partir de laços familiares, para efetivamente comparar se esses fatores contribuíam para as diferenças culturais. Durkheim (2008) adentrou as sociedades primitivas africanas para compreender a cultura totêmica e percebeu que os indivíduos pertencentes ao mesmo clã se consideram parentes, mesmo não apresentando laços de consanguinidade, enquanto que na pesquisa de Boas, as relações sociais ocorrem a partir dos laços consanguíneos.

O objetivo de Boas (2010) era compreender as particularidades, os conhecimentos adquiridos por grupos de sociedades consideradas menos desenvolvidas. Com isso, viu a cultura como um traço distintivo da humanidade. Resistiu em classificar, como outros, em estabelecer diferenças e hierarquias entre determinadas culturas, no sentido de relativizar uma em detrimento a outra.

Ele reagiu ao evolucionismo e propôs que não se utilize nenhum método comparativo puro, só com dados quantitativos para analisar as culturas simples. A comparação por si só não consegue analisar e compreender culturalmente determinado grupo; a sua história é fator preponderante para a descoberta dos traços culturais existentes que compõem determinada comunidade.

O homem, por se constituir de ser dotado de inteligência e fazer uso da linguagem para se expressar, distancia-se do animal exatamente por esses processos orgânicos e sociais. Enquanto orgânico, o homem tem necessidades que, para satisfazê-las, varia de uma cultura para outra. É o que determina a diferença entre o ser humano e o animal e faz com que seja considerado um ser cultural. As ações e pensamentos não são determinados pela genética, mas por um processo de aprendizado. Superando o orgânico, o ser humano, de certa forma, libertou-se da natureza.

No viés do modernismo e contemporaneidade, a cultura pode ser definida em três caracterizações: a primeira se refere ao modo de vida de uma coletividade, ou seja, a um sistema de signos criados pelos grupos sociais; a segunda se refere às obras e práticas da arte, da atividade intelectual e do entretenimento. Não ocorre na dimensão do plano de vida do indivíduo, mas na construção de determinados sentidos. Nesse caso, pode ocorrer como resistência ou valorização do desenvolvimento humano e irão compor esse conceito os diferentes códigos, como: a música, dança, literatura, artes visuais, teatro, audiovisual, arquitetura e artesanato, as indústrias criativas.

A terceira ressalta o fator de desenvolvimento social. Assim, as atividades culturais são realizadas com intuítos socioeducativos diversos para estimular atitudes críticas, como,

por exemplo, o desejo de atuar politicamente no apoio ao desenvolvimento cognitivo de portadores de necessidades especiais, ou em atividades terapêuticas para pessoas com algum tipo de doença quer seja crônica ou não.

Para a Cunha (2010), a cultura ocorre a partir das relações sociais e dos modos de vida de uma sociedade com a mediação do simbólico, para (GEERTZ, 2011), ela acontece em teias de significados que o homem tece com a contribuição das intervenções que sofre e produz com o meio. Essa intervenção no meio ocorre com a intermediação simbólica. Assim, os símbolos são fundamentais para o entendimento de uma cultura, pois sem eles ela não existiria. Seria assim, sob essa forma física, que a cultura se materializa pelo simples fato de o homem não ser apenas produtor de cultura, mas também produto dela, que o molda à medida que vai adquirindo conhecimento.

A religião contribui para a compreensão cultural de determinada comunidade. Através de sistemas simbólicos. Geertz (1989) afirma que os significados individuais possuem sentidos diversos de acordo com o contexto do qual se inserem. São conjuntos de símbolos que se relacionam uns com os outros que resultarão em modelos em relação aos padrões culturais. Dessa forma, para compreender o outro e seu modo de vida, o homem sempre buscou explicações em civilizações anteriores e distintas, percebeu que as relações de causa e efeito diferem entre os indivíduos e suas culturas. Assim, uma das formas de compreensão cultural é a utilização de instrumentos que permitem desvendar e entender o mundo do outro, para assim analisá-lo como um todo, como promovedor e recebedor de cultura, que para Silva (2000), se constitui na construção e consolidação identitária.

4 | RELIGIÃO E AS FUNÇÕES SOCIAIS

A crença e a prática religiosa são “o *ethos*¹ de um grupo torna-se intelectualmente razoável porque demonstra representar um tipo de vida idealmente adaptado aos estados de coisas atuais que a visão de mundo descreve” (GEERTZ, 2011, p. 67). Situa-se o indivíduo moral e esteticamente num mundo estruturado através do que sistemas simbólicos. Assim, a “religião como uma língua ou, um instrumento de comunicação e conhecimento, veículo simbólico há um tempo estruturado e estruturante, se constitui quanto ao sentido dos signos e do mundo que os primeiros permitem construir”(BOURDIEU, 1974, p. 28).

As funções sociais desempenhadas pela religião por um grupo ou uma classe,

1. “Se refere, aos aspectos morais (e estéticos) de uma dada cultura, os elementos valorativos. O *ethos* de um povo é o tom, o caráter e a qualidade de sua vida, seu estilo moral e estético, e sua disposição é a atitude subjacente em relação a ele mesmo e ao seu mundo que a vida reflete (...) torna-se intelectualmente razoável porque é levado a representar um tipo de vida implícito no estado de coisas real que a visão de mundo descreve. Essa demonstração de uma relação significativa entre os valores que o povo conserva e a ordem geral da existência dentro da qual ele se encontra é um elemento essencial em todas as religiões, como quer que esses valores ou essa ordem sejam concebidas. O que quer que a religião possa ser além disso, ela é, em parte, uma tentativa (de uma espécie implícita e diretamente sentida, em vez de explícita e conscientemente pensada) de conservar a provisão de significados gerais em termos dos quais cada indivíduo interpreta sua experiência e organiza sua conduta” (GEERTZ, 2011, p.93).

diferenciam-se de acordo com a posição que este ocupa na estrutura das relações de classe e na divisão do trabalho. As relações de transação, concorrência que se estabelecem no interior do campo religioso, constituem o princípio da dinâmica deste campo. O sistema de símbolos atuará a partir de significados individuais, que terá sentido diverso de acordo com o contexto da qual se inserem, pois “São abstrações da experiência fixadas em formas perceptíveis, incorporações concretas de ideias, atitudes, julgamentos, saudades ou crenças” (Geertz, 1989, p. 68). Em outras palavras, são conjuntos de símbolos que se relacionam uns com os outros que resultarão em modelos em relação aos padrões culturais.

Segundo Geertz (1989), o homem seria incompleto sem a ajuda do padrão cultural, assim, ele necessita e depende do símbolo ou do sistema simbólico para viabilizar sua existência; a religião é parte integrante da cultura por ser constituída de sistema simbólico que dá significado à vida de uma comunidade. Por desempenhar tais funções, agrega ao longo do tempo bens simbólicos que são incorporados ao contexto histórico-político e cultural, passíveis de mudanças e novas (re) significações (GEERTZ, 2011).

5 | RELIGIOSIDADE POPULAR NO BRASIL

No Brasil, os diferentes cultos preocuparam as autoridades eclesiásticas espalhadas pela colônia, que impuseram doutrina oficial sobre todos, do colono até o escravo. A diversidade de santos e ritos religiosos incomodavam à sociedade eclesiástica, ações devocionais que fugiam do “perfil pregado” pela liturgia católica. A consequência de tal conflito cultural, foi a (i)enculturação católica do escravo ao se ser coagido (literalmente) a adaptar-se ao culto cristão e a sua ritualística como a crença predominante — pelo menos foi objetivo do colonizador, porém o sincretismo é a capacidade de resistência da religiosidade popular por meio do culto à memória no presente. Isso possibilitou a densidade da diversidade religiosa do popular; reconhecem-se as regionalidades do culto católico, que condicionaram diferentes maneiras de celebrar os mesmos santos e ritos religiosos. O festejo ao santo era claramente uma ação religiosamente sincrética, expressada pela missa, procissão, romaria ou novena.

Nesse sentido, os santos e ritos sofreram profundas ressignificações mediante a vivência com herança cultural e a realidade social experimentada naquela época, conduzindo à construção regionalizada da cultura e da estrutura social. Como observa Azzi (1978),

[...] os santos e anjos, tradicionalmente louros, foram aqui obrigados a imitar os homens - nem todos brancos, alguns pretos - muitos mulatos – tornando-se eles também, brancos, pretos, mulatos. Até nossa senhora amulatou-se e engordou- criou peitos de mãe nas mãos de nossos santeiros. E do próprio Cristo imagem que mais se popularizou no Brasil foi a do judeu bem moreno, o cabelo e a barba pretos, ou então castanhos, e não do nosso senhor ruivo, que supõe a ser histórico ou o ortodoxo.(AZZI, 1978,p.66)

Assim, o catolicismo oficial diluiu-se em meio às diversas religiosidades que regionalmente foram criadas e recriadas, ficaram conhecidas como crenças e ritos do Catolicismo Popular (AZZI, 1978). A colonização foi um campo fértil para miscigenação étnica, cultural e religiosa, sobretudo, porque houve (i)enculturação religiosa, que não perdeu a sacralidade e nem sua efetividade, mas (re) significou-se ao recriar todo um novo *ethos* religioso específico do campo religioso brasileiro - Catolicismo ao modo brasileiro.

A formação da sociedade brasileira, com sua mistura de etnias, culturas e religiões produz uma sociedade tangivelmente híbrida (CANCLINI, 1997). Por sua vez, o multiculturalismo manifesta-se pela diversidade religiosa, pela fragmentação dos vários indivíduos e suas experiências. A sociedade, devido a esses fatores, é considerada multicultural, como delega Hall (2003),

[...] conheço intimamente os dois lugares, mas não pertenço completamente a nenhum deles. E esta exatamente a experiência diáspora, longe o suficiente para experimentar o sentimento de exílio e perda, perto o suficiente para entender o enigma de uma chegada sempre adiada.(HALL, 2003, p.415)

Os encontros sociais e culturais, acima descritos, formaram uma religião também plural, com várias formas de composição social e variadas maneiras de representar a devoção aos santos. Hoje, apresenta-se um Brasil multicultural, que sobrevive nas circularidades culturais expostas pelas festas religiosas, como a congada. É neste exemplo, que se pode ver o diálogo e interação cultural em pleno funcionamento na circularidade cultural de uma prática ou tradição. Como constatou Burke (2003),

[...] devemos ver as formas híbridas como os resultados de encontros múltiplos e não como o resultado de único encontro, quer encontros-sucessivos adicionem novos elementos a mistura, que reforçarem os antigos elementos.(BURKE, 2003, p. 31)

Burke (2003), não tem o objetivo de definir ou encerrar a discussão sobre o hibridismo cultural, mas, aponta para a importância da circularidade cultural e aqueles que a compõem. Contudo, deve-se lembrar do conflito, afinal, as sociedades híbridas ainda sofrem com a marginalização de suas práticas, crenças, tradições ou cosmovisão pela *mirada* eurocêntrica. Isso não quer dizer que a cultura popular segundo a diversidade religiosa, foram facilmente aceitas pelo modelo eclesiástico, o que ainda se percebe é a marginalização da religiosidade popular como um espaço “não sagrado” e ligado ao profano (lembrando que são alguns casos). Pode-se afirmar, todavia, que existe uma relação de dominante e dominado presente no campo religioso, por meio da suposta hegemonia do mito fundador, que legitima tradição do colonizador e posiciona o colonizado simplesmente como um herdeiro cultural, ao condicioná-lo à submissão do conteúdo e a prática cultural repassado para o popular.

Nesse sentido, afirma Abdala (2002),

[...] há diferença na veiculação dessas culturas, elas foram difundidas, sobretudo através de texto - textos impressos são compostos, na oralidade, por meio das causas, contos mitos e lendas populares. Esses dois tipos de culturas podem coexistir lado a lado em

um mesmo território, entendemos que são esses povos colonizados pela Ibéria, nas Américas e na África. (ABDALA, 2002, p. 16-17)

A distinção entre os povos ou etnias era lembrada a partir da narrativa do colonizador, devido ao discurso fundante de pureza que visava legitimar e enaltecer à sua historicidade, segundo o princípio da teologia tradição católica ao promover a conquista e colonização ultramarina. O culto sincrético é uma forma da religiosidade popular, que evidencia às suas próprias lógicas segundo a resistência autorreguladora do catolicismo popular. Contudo, as interações entre as culturas no território são inevitáveis e, conseqüentemente, a hibridização da cultura religiosa e étnica, assim, esse caminho tornou-se o espaço da devoção do popular.

6 | CONGADA NO BRASIL

A congada é uma expressão cultural e religiosa, de influência africana, que em algumas regiões brasileiras homenageia principalmente São Benedito e Nossa Senhora do Rosário. O contexto é o mesmo em todos os estados, variando os passos de dança e os instrumentos utilizados.

Segundo Tinhorão (2000), a primeira coroação de rei foi em uma irmandade de Nossa Senhora do Rosário, em Pernambuco. Ainda afirma que a coroação de congo era tradição lusitana no século XVI. Já para Brandão (1986) destaca que a congada é uma criação popular, coletivizada, persistente, tradicional e reproduzida por meio dos sistemas comunitários de transmissão do saber. Contudo, apresenta características singulares de cada região, mas há semelhanças como a presença da corte real, que possuem nomes de reinos africanos como Congo ou mesmo Moçambique.

A festa é realizada anualmente, e tem como objetivo louvar seus santos protetores, os santos dos pretos, como: São Benedito, Santa Ifigênia e Nossa Senhora do Rosário. A particularidade da festa é o coroamento do rei negro e o louvor ao santo católico que torna a festa diferenciada. A congada é composta por elementos ricos em significados que representam as singularidades de cada comunidade.

Silva (2012) afirma que,

a corte assim como a família real ou reino do Congo é comum em todas as manifestações, o rei, que possui em sua maioria um nome de origem africana, a rainha, príncipes e princesas, são considerados tradição entre os congadeiros possuindo permanência vitalícia. A corte é o grupo de pessoas mais próximo da família real, compondo-se de fidalgos, secretários, cacique, general e capitão, e as crianças que participam da manifestação cultural são sempre chamadas de conguinhos. O cortejo é o momento que define o início da celebração nas ruas, sempre após a missa realizada dentro da igreja em homenagem ao santo específico, este momento é marcado pelo encontro da corte e dos ternos nas ruas ou praça onde será realizada a homenagem ao santo padroeiro, este também é o momento de entoarem cantos, danças e a encenação. Os *ternos* são os - brincadores ou soldados, músicos oficiais da festa, os instrumentos utilizados por eles são em sua maioria, tambores, caixa, reco-reco, violão, cavaquinho e pandeiro. (SILVA, 2012, p.7)

Assim, o ritual segue na companhia do capitão que acompanha com um bastão e um apito, marcando o ritmo. A vestimenta da família real é a mais luxuosa e segue à frente do cortejo. A Congada é uma tradição cultural relacionada aos negros e acompanha as gerações futuras, sobretudo, por meio da oralidade e da ancestralidade norteando suas organizações, assim como a herança do universo simbólico e cultural das sociedades africanas, que Canclini (1997), entende como partes de uma teatralização. Essa teatralização simbólica é demonstrada pelas vestimentas e instrumentos como tambores maracanãs (caixas grandes) e o ripiliques (caixas pequenas) utilizados nos rituais, que dramatizam a luta e história dos negros.

6.1 A Congada no Município de Angical

Na região oeste baiana, localiza-se a cidade de Angical, a uma distância de 620 quilômetros de Brasília capital federal. A cidade é conhecida pelas manifestações culturais (não somente a congada), mas também a música local, que faz dessa pequena cidade um espaço representativo da cultura do estado.

A congada na cidade iniciou-se com uma família de sobrenome Almeida que se instalou naquele local. De acordo com relatos orais de um descendente, os irmãos Almeida como eram chamados, instalaram-se no século XVII no sítio do Brejo de Angical vindos de Portugal, escolheram o local, para suas atividades agrícolas e pecuárias, com isso empregaram mais de trezentos escravos procedentes do Congo e Angola como mão de obra na fazenda. Fundaram a cidade e construíram a Igreja de Nossa Senhora Santana. A família incentivava os escravos para que praticassem os costumes de sua terra.

Os irmãos Almeida presentearam os escravos com a imagem da Virgem do Rosário, que passou a ser padroeira local, como também foi escolhido o dia primeiro de janeiro para celebração do seu festejo. Assim, o mito fundador dessa manifestação foi à imagem de Nossa Senhora do Rosário. Quando se refere a mito fundador Hall (2003) destaca,

Os mitos transitórios: não apenas estão fora da história, mas são fundamentalmente históricos. São anacrônicos e têm a estrutura de uma dupla inscrição. Seu poder redentor encontra-se no futuro, que ainda está por vir. Mas funcionam atribuindo o que predizem à sua descrição do que já aconteceu, do que era no princípio. Entretanto, a história, como a flecha do Tempo, é sucessiva, senão linear. A estrutura narrativa dos mitos é cíclica. Mas dentro da história, seu significado é frequentemente transformado.(HALL, 2003, p.29-30)

Estes escravos organizaram a festa e rituais oriundos de sua pátria. Introduziram a congada, que a princípio era composta por até quarenta integrantes, de calças e camisas brancas e anáguas engomadas. O xale de cores vivas atravessavam os ombros. E de suas pontas prendiam laços e fitas. Sobre a cabeça um capacete revestido por penas e fitas coloridas.

O mestre de cerimônia possui a autoridade de chefe, é denominado de Rei Congo, a ele compete dirigir os movimentos, as cantorias e demais atividades. É escolhido pelos

membros, é sempre o mais velho. A forma de vestir difere dos demais, usa capa e coroa.

Desde a abolição o festejo passou a ser assumido por pessoas da sociedade, como os seus promotores, que representam ao mesmo tempo, rei e rainha, precedendo sempre uma promessa à Virgem do Rosário para alcançar uma graça. A pessoa responsável pelos festejos prepara-se para a festa durante todo ano. As comemorações iniciam-se com um cortejo em que o Rei todo paramentado com rica capa púrpura acompanhado pela rainha, trajada com joias e ricas roupas e adornos, saem as ruas acompanhados pelos seus pajens e cortesãos ao ritmo de tambores e reco-recos. Cantando músicas como:

“Marcha/ marcha,/ e vamo-nos embora/ toca sicumbi. Para o nosso Rei passar.Lê, Lê, Lê/ toma lá chimbambuê/ e o ammê/ para curiá”.² Ao chegar à igreja pedem licença com a musica:” licença pedimos hoje/ A Senhora do Rosário/ Nós vamos festejar”. E continuam na igreja:

“Minha virgem do Rosário/ hoje é o vosso dia/ (bis) aqui está quem vos festeja/ com prazer e alegria”. (bis).

E assim seguem as músicas e a celebração. Na ausência do padre, reza-se a ladainha em honra a virgem do Rosário.

Depois da abolição o festejo foi aberto à população em geral. Cada um contribui da forma desejada. Os contribuintes são considerados “irmãos de mesa”. Atualmente a Congada em Angical é uma manifestação popular, a cidade se enfeita a cada dia primeiro de janeiro para receber uma centena de fiéis, que chegam para o festivo evento. No dia de reis, o Congado visita as lapinhas e os presépios com indumentárias compostas por chapéus com fitas coloridas, xale e coroa.

Segundo Cardoso (2016),

o Congado, ao mesmo tempo que faz referência à coroação dos reis do Congo também homenageia Nossa Senhora do Rosário. Além dos elementos integrados por parte do cristianismo, com o passar das décadas e a disposição de novas matérias-primas e formas de produção de vestimenta, o único elemento que se mantém artesanal é o tambor manuseado pelo membro conhecido como caixeiro. Além desse elemento o Congado reúne a bandeira da santa e os “capacetes” (chapéus enfeitados em forma pontiaguda). (CARDOSO, 2016, p.30)

Essa manifestação é tradicional na cidade e perdura até na atualidade, porém, como há poucos registros escritos, muitas outras cantigas e instrumentos podem ter deixado de serem usados nas comemorações mais recentes.

7 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

Estudar cultura é compreender etnias, culturas e civilizações; uma ação importante para entender as manifestações culturais como fontes do fenômeno religioso. A partir de diferentes práticas, somam-se elementos que irão constituir os costumes e crenças. A religião contribui para apreensão a partir de seus atos simbólicos, seja por meio da prática

2. Material fornecido pelo descendente da família Almeida.

sincrética ou não. Mas, neste texto, discutiu-se a religiosidade pela ótica do catolicismo popular, tendo como o fato primordial para sua dinamização, a colonização e a inserção da cultura africana no processo de formação cultural, político, social e religioso.

O Brasil é um país multicultural, nesse sentido, cada região apresenta suas diversidades culturais por meio de suas manifestações populares como foi apresentada na região do oeste baiano, a cidade Angical. Que mantém viva a Congada. Uma festa de origem negra, mas que atualmente é de acesso a todos que se identificam com a prática. Estudar a cultura é permitir que futuras gerações tenham conhecimento e convivência com o legado. A religiosidade popular é composta pelas várias práticas, ritos, saberes gestos que constroem o sentido das representações e identidades do popular.

O Brasil é um país enriquecido pelo multiculturalismo devido às formas da colonização, e se revela tangivelmente como um local para religiões sincréticas devido aos históricos e constantes contatos culturais híbridos. As culturas populares regionais são marcadas pela tradição na linhagem familiar que garante continuidade do rito na sociedade local. A memória e tradição são fundamentais para permanência da cultura de um povo, etnia ou grupo e conservação de um rito religioso, como a congada no município de Angical que se mantém viva por meio das ações da sua comunidade.

REFERÊNCIAS

ABDALA, Junior Benjamim. **Fronteiras Múltiplas Identidades Plurais: um ensaio sobre mestiçagem e hibridismo cultural**. São Paulo: SENAC, 2002.

AZZI, Riolando. **Formação Histórica do Catolicismo Popular Brasileiro**. In: AZZI, Riolando, et al. **A religião do Povo**. São Paulo: Paulinas, 1978. p. 44-71.

BOAS, Franz. **Antropologia Cultural**. Trad. Celso Castro. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.

_____. **A mente do ser primitivo**. Petropolis: Vozes, 2010. Coleção Antropologia.

BOURDIEU, Pierre. **A Economia das Trocas Simbólicas: Gênese e Estrutura do Campo Religioso**. (Org). Sergio Miceli. São Paulo: Perspectiva, 1974.

_____. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Editora Bertrand, 1989.

BURKE, Peter. **Hibridismo cultural**. São Leopoldo: UNISINOS, 2003.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é folclore**. Coleção primeiros passos. Ed. Brasiliense, 7º edição, 1986. p.56.

CARDOSO, Evanildo Santos. **Manifestações da Cultura e do Sagrado em Barreiras e Angical – Bahia**. Entre-Lugar, Dourados, MS, v.7, n.13, 2016

CANCLINI, Nestor Garcia. **Culturas híbridas – para entrar e sair da modernidade**. São Paulo: Edusp, 1997.

CUNHA, N. **Cultura e Ação Cultural**: uma contribuição a sua história e conceitos. São Paulo: SESC, 2010.

DURKHEIM, É. **As Formas Elementares da Vida Religiosa**: o sistema totêmico na Austrália. 3ª ed. São Paulo: Paulus, 2008.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das Culturas**. Rio de Janeiro: LTC Ltda, 1989, 2011.

HALL, Stuart. **Da Diáspora identidades e mediações, culturais**. Belo horizonte, Brasília: UFMG e UNESCO, 2003.

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura: um conceito antropológico**. 24. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.

RUBIM, Antônio Albino Canelas: RUBIM, Lindinalva. **Políticas Culturais entre o possível e o impossível**. Anais do II Encontro de Estudos Multidisciplinares em Cultura (Enecult). Salvador: FACOM/UFBA, 2006.

SILVA, Tomaz Tadeu da (org.); HALL, Stuart; WOODWARD, Kathryn. **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

TERRIN, Aldo Natale. **Antropologia e Horizontes do Sagrado: culturas e religiões**. Trad. Euclides Luiz Calloni. São Paulo: Paulus, 2004.

TINHORÃO, José Ramos. **As festas no Brasil colonial**. São Paulo: Editora 34, 2000.

WAGNER, Roy. **A Invenção da Cultura**. São Paulo. Cosac Naify, 2012.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Aprendizagem 1, 3, 4, 5, 7, 8, 9, 10, 11, 71, 100, 192, 193, 195

Argumentatividade 29, 31, 34, 36

Arquitetura indígena 173

Autismo 1, 3, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11

C

Casamento 118, 119, 120, 122, 123, 124, 125, 126, 127, 128, 129, 130, 131

Categorias 24, 25, 36, 41, 42, 45, 46, 48, 49, 50, 71, 109, 125, 158, 165, 168, 180, 209, 211, 217

Cena enunciativa 41, 45

Cinema 17, 63, 84, 135, 154, 155, 157, 158, 159, 160, 162, 163, 219, 226, 229

Comunidade 154, 163

Congada 179, 180, 181, 185, 186, 187, 188, 189

Contos de fadas 105

Criação sociológica 118

Cultura 4, 16, 28, 55, 63, 65, 67, 69, 72, 73, 74, 75, 76, 79, 80, 93, 104, 109, 121, 122, 133, 146, 147, 154, 160, 163, 167, 173, 178, 179, 180, 181, 182, 183, 184, 185, 186, 187, 188, 189, 190, 191, 192, 193, 200, 201, 223, 230, 232, 233, 235, 236

Cultura negra 69

D

Descolonização 69, 73, 75, 76, 78

Dialeto 132, 133, 134, 135, 136, 137, 141, 143, 147, 148

Discurso 12, 15, 19, 20, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 35, 36, 37, 38, 39, 40, 42, 43, 44, 45, 46, 47, 48, 49, 51, 53, 54, 58, 59, 60, 61, 62, 63, 64, 65, 66, 67, 71, 72, 74, 75, 126, 140, 142, 146, 156, 158, 165, 168, 170, 171, 172, 186, 193, 214, 216, 229

Divulgação científica 11, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 36, 39, 40

E

Eduardo Coutinho 154, 155, 158, 163, 164

Educação Básica 89, 90, 91, 92, 95, 103, 173

Enunciação 20, 32, 41, 42, 43, 44, 45, 46, 47, 48, 49, 50, 53, 54, 60, 62

Enunciados 36, 38, 41, 44, 46, 48

Estrutura de madeira 173

Etnoarquitetura 173, 174, 178

Existencialismo 89, 91, 92, 93, 94, 98, 102, 104

F

Fantasia 5, 90, 91, 105, 106, 107, 108, 109, 110, 112, 113, 114, 115, 116

H

Homofobia 143, 165, 171, 172

I

Identidade negra 69, 78

Influenciadoras Digitais 12, 14, 15, 21, 25, 26, 27, 28

Instagram 12, 13, 14, 15, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 65

J

Jornalismo 20, 31, 165, 166, 167, 171, 172, 222

L

Lexicologia 51

Língua Inglesa 1, 3, 7, 8, 10, 27, 81, 106, 137

Literatura 59, 60, 67, 68, 69, 70, 71, 72, 73, 74, 75, 76, 77, 78, 79, 80, 89, 90, 91, 92, 93, 94, 95, 100, 101, 102, 103, 104, 105, 107, 114, 115, 117, 118, 122, 130, 163, 180, 182, 204, 229

Literatura Brasileira 71, 89, 90, 91, 101, 102, 103, 104

M

Madeira 173, 174, 176

Manifestação Popular 179, 188

Maquiagem 12, 14, 15, 16, 17, 19, 20, 21, 24, 25, 26, 27, 28, 149, 158

Memória 3, 77, 98, 118, 119, 120, 123, 124, 125, 126, 128, 129, 131, 154, 156, 157, 159, 162, 163, 179, 184, 189, 229

N

Narrativa 15, 20, 25, 47, 48, 58, 63, 66, 67, 76, 77, 95, 96, 97, 100, 102, 118, 119, 120, 121, 122, 123, 124, 125, 126, 128, 130, 154, 155, 156, 157, 158, 159, 186, 187, 191, 196, 198, 200

Neologismo 51, 53, 58, 60, 61, 62, 63

Notícia 165, 166, 167, 168, 169, 170, 171, 172

O

Objetividade 29, 31, 33, 34, 35, 36, 39

P

Pajubá 132, 133, 134, 135, 136, 137, 139, 141, 142, 143, 144, 145, 147, 148, 150

Poética 77, 95, 118, 119, 120, 121, 129, 131, 198, 219, 228

Protagonismo feminino 105, 106, 108, 111, 115

Q

Queer 132, 133, 137, 138, 139, 140, 146, 147, 148, 149, 165, 166, 167, 168, 170, 171

R

Religiosidade 179, 180, 181, 184, 185, 186, 189

Romance 51, 52, 53, 54, 56, 59, 60, 61, 65, 67, 68, 91, 92, 93, 95, 97, 100, 102, 103, 108, 118, 119, 120, 121, 122, 123, 126, 129, 130

S

Semântica 4, 50, 51, 53, 66, 67, 68

Semiótica 15, 20, 25, 28, 49, 50, 51, 54, 59, 67, 68, 192

Sociolinguística 132, 133, 136, 147, 148

Subjetividade 29, 31, 33, 34, 36, 39, 40, 51, 65, 92, 93, 97, 139, 197

V

Vernacular 173

 **Atena**
Editora

2 0 2 0